



O Sistema de Saúde na Assistência Estudantil da UFV: A Percepção dos Estudantes de Graduação Beneficiados Pelo PNAES

Liliane Honorato Gonçalves¹  <https://orcid.org/0000-0001-5946-6997>

Débora Carneiro Zuin  <https://orcid.org/0000-0002-2077-5861>

¹ Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

Grande mudança foi observada no cenário educacional brasileiro após a expansão do Ensino Superior devido à instauração do sistema de cotas e de programas do governo tais como Reuni e Prouni. Dessa maneira houve mudança no perfil dos universitários brasileiros, aumentando muito o número daqueles que apresentam maior vulnerabilidade econômica e social. Assim, a Assistência Estudantil torna-se essencial para manutenção destes estudantes no Ensino Superior e para servir de suporte para que estes consigam concluir os seus estudos. Nessa pesquisa, buscou-se conhecer a percepção dos estudantes com este perfil em relação à assistência à saúde recebida em uma instituição federal de ensino (Universidade Federal de Viçosa/ UFV). Método: A técnica de coleta de dados foi o grupo focal realizado com os representantes da CME (Comissão de Moradias Estudantis) da UFV. Resultados: O objetivo foi alcançado pois este estudo permitiu perceber o conhecimento dos estudantes sobre a assistência estudantil em geral e em especial em relação à assistência à saúde, além de descobrir seus anseios e queixas. Conclusão: pode-se concluir que apesar de possuir uma abrangente Assistência Estudantil, a UFV não consegue atender todas as demandas existentes e que necessita de maior envolvimento com os estudantes para que ocorra maior participação destes, tanto nas decisões de ações quanto no planejamento da utilização de recursos.

PALAVRAS-CHAVE

Assistência estudantil. Pnaes. Saúde universitária

Correspondência ao Autor

¹ Liliane Honorato Gonçalves
E-mail: Liliane.honorato@ufv.br
Universidade Federal de Viçosa
Viçosa, MG, Brasil
CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/6523553537146737>

Submetido: 22 ago. 2019

Aceito: 25 nov. 2019

Publicado: 05 dez. 2019

 [10.20396/riesup.v6i0.8656321](https://doi.org/10.20396/riesup.v6i0.8656321)

e-location: e020034

ISSN 2446-9424

Checkagem Antiplágio



Distribuído sobre



The Health System in the Student Assistance of the UFV: The Perception of Undergraduate Students Benefited by the PNAES

ABSTRACT

A great change was observed in the Brazilian educational scenario after the expansion of Higher Education due to the introduction of the quota system and government programs such as Reuni and Prouni. In this way there was a change in the profile of Brazilian university students, greatly increasing the number of those with greater economic and social vulnerability. Thus, the Student Assistance becomes essential for the maintenance of these students in Higher Education and to support them so that they can complete their studies. In this research, we sought to know the perception of students with this profile in relation to health care received at a federal teaching institution (Federal University of Viçosa / UFV). Method: The data collection technique was the focal group performed with the representatives of the CME (Commission for Student Housing) of the UFV. Results: The objective was achieved because this study made it possible to perceive students' knowledge about student assistance in general and especially regarding health care, in addition to discovering their desires and complaints. Conclusion: It can be concluded that despite having a comprehensive Student Assistance, the UFV can not meet all the existing demands and that it needs to be more involved with the students so that they participate more in the decisions of actions as well as in the planning of the use of resources.

KEYWORDS

Student assistance. Pnaes. University Health

El Sistema de Salud en la Asistencia Estudiante de la UFV: La Percepción de los Estudiantes de Graduación Beneficiados por el PNAES

RESUMEN

Gran cambio fue observado en el escenario educativo brasileño después de la expansión de la Enseñanza Superior debido a la instauración del sistema de cuotas y de programas del gobierno tales como Reunión y Prouni. De esa manera hubo cambio en el perfil de los universitarios brasileños, aumentando mucho el número de aquellos que presentan mayor vulnerabilidad económica y social. Así, la Asistencia Estudiantil se vuelve esencial para el mantenimiento de estos estudiantes en la Enseñanza Superior y para servir de soporte para que éstos puedan concluir sus estudios. En esta investigación, se buscó conocer la percepción de los estudiantes con este perfil en relación a la asistencia a la salud recibida en una institución federal de enseñanza (Universidad Federal de Viçosa / UFV). Método: La técnica de recolección de datos fue el grupo focal realizado con los representantes de la CME (Comisión de Viviendas Estudiantiles) de la UFV. Resultados: El objetivo fue alcanzado pues este estudio permitió percibir el conocimiento de los estudiantes sobre la asistencia estudiantil en general y en especial en relación a la asistencia a la salud, además de descubrir sus anhelos y quejas. Conclusión: se puede concluir que a pesar de poseer una integral Asistencia Estudiantil, la UFV no logra atender todas las demandas existentes y que necesita de mayor implicación con los estudiantes para que ocurra mayor participación de éstos tanto en las decisiones de acciones y en la planificación de la utilización de recursos.

PALABRAS CLAVE

Asistencia estudiantil. Pnaes. Salud universitaria

Introdução

A Universidade é um local de transformação da realidade de uma sociedade e possui papel estratégico para o desenvolvimento econômico e social do país. Para tanto, faz-se necessário o acesso da população ao Ensino Superior e esforço para evitar sua evasão. Além disso, devem ser oferecidas condições adequadas aos estudantes, tanto para que esses possam aproveitar e absorver os conhecimentos adquiridos, quanto para desenvolver suas capacidades intelectuais.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 traz um capítulo específico, que trata da Educação da Cultura e do Desporto, e seu artigo 205, diz que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Portanto, a educação deveria ser tratada como uma prioridade tanto pela sociedade quanto pelos governantes. Entretanto, a realidade nos mostra que isso ainda é um sonho distante, principalmente para os setores mais vulneráveis da sociedade (DUARTE, 2007).

Com relação ao Ensino Superior brasileiro, houve empenho dos governos nos últimos dez anos no sentido de aumentar tanto a oferta de vagas quanto o acesso à estas de diferentes formas através de políticas afirmativas de expansão, inclusão e mobilidade. A ampliação do acesso ao Ensino Superior pretende proporcionar diminuição das desigualdades sociais e regionais, desenvolvimento científico e tecnológico e inclusão social, geração de trabalho e renda (BRASIL, 2015). Houve um importante avanço nesse sentido devido a programas recentes do governo federal, como o Programa Universidade para Todos (Prouni)¹ e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni)², além do Sistema de Seleção Unificada para o ingresso ao Ensino Superior (SISU) e programas de cotas.

Desse modo, estudantes que apresentam maior vulnerabilidade social e econômica têm conseguido conquistar vaga na universidade. Porém, para a real democratização da educação superior, deve-se possibilitar a permanência dos que nela ingressam com igualdade de oportunidades para os estudantes. Assim, foi criada a necessidade de um programa de suporte e apoio a estes com finalidade de ampliar as condições de permanência dos estudantes na educação superior pública federal (MATOS, 2015).

¹ Programa Universidade para Todos, criado em 2004 pela Lei nº 10.891 destinado a alunos inseridos em família de baixa renda e concedem bolsa de estudo integrais ou parciais e financiamento, em instituições privadas de educação superior.

² Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais instituído pelo Decreto Federal n.6.096 de 2007, com a finalidade de criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades.

Com o objetivo de que os acadêmicos concluam a graduação com bom desempenho curricular e de diminuir o percentual de abandono, trancamento de matrículas e evasão, foi então criado o Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) por meio do Decreto 7230, possuindo também como foco a igualdade social, oportunizando, por exemplo, que estudantes vulneráveis socioeconomicamente tenham as mesmas oportunidades dos que não o são de participarem de eventos científicos. Nas universidades, as Pró-Reitorias de Assuntos Estudantis são os órgãos responsáveis por executarem o referido programa em nível institucional (SILVA *et al.*, 2012). O Estado oferece assistência estudantil em algumas áreas indispensáveis para a manutenção destes na universidade, que são áreas que deverão nortear as ações de assistência estudantil das IFES, tais como: moradia estudantil; alimentação; transporte; atenção à saúde; inclusão digital; cultura; esporte; creche; apoio pedagógico e acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação. (BRASIL, 2010).

Considerando que a Constituição Brasileira garante também que a saúde é direito de todos e é dever do Estado prover a mesma, torna-se imprescindível a efetivação dessa política no meio universitário. As universidades podem constituir-se em importantes espaços de promoção da saúde e devem estar articuladas e integradas com a rede municipal onde encontra-se inserida a fim de garantir aos estudantes universitários, como cidadãos, o direito ao atendimento integral à saúde.

O objetivo desse estudo foi conhecer a percepção dos estudantes de maior vulnerabilidade socioeconômica em relação à assistência estudantil de uma Instituição Federal de ensino, a Universidade Federal de Viçosa (UFV), a fim de verificar a percepção destes sobre a assistência à saúde recebida na instituição.

Método

A pesquisa realizada consistiu inicialmente de um levantamento sobre a assistência estudantil existente na instituição a fim de ampliar a compreensão de como esta funciona na UFV. Foi realizada uma pesquisa de campo com os beneficiários para se obter dados que foram aplicados na pesquisa. A seguir a pesquisa de campo será detalhada esclarecendo o tipo desta, o objeto de estudo e amostragem, como foram realizados os procedimentos e técnicas de coleta de dados bem como a técnica de análise e interpretação destes.

a) Tipo de pesquisa

A pesquisa pode ser classificada como um estudo de caso numa abordagem qualitativa, de natureza aplicada utilizando a revisão bibliográfica e a aplicação de entrevista do tipo grupo focal como técnica de coleta de dados.

Esse estudo está caracterizado como pesquisa qualitativa pois buscou entender, descrever e explicar um fenômeno por meio de análise de experiências individuais ou grupais, investigando experiências e documentos. De acordo com Câmara (2013), a pesquisa

qualitativa permite estabelecer fatores de determinado fenômeno. Através da obtenção da percepção dos entrevistados foi possível ampliar a compreensão da realidade vivida pelos participantes e aprofundar a questão da assistência à saúde do estudante com vulnerabilidade socioeconômica.

b) Objeto de estudo e amostragem

O objeto de estudo é a própria UFV e os alunos beneficiados pelo Pnaes, moradores dos alojamentos da UFV, Campus Viçosa. Optou-se por esses últimos sujeitos porque o critério adotado baseia-se nos parâmetros de que esses estudantes passaram previamente por uma seleção e foram contemplados com auxílios moradia e alimentação devido à vulnerabilidade socioeconômica existente, já detectada pela própria instituição. No campus Viçosa da UFV existem seis alojamentos, sendo dois masculinos e quatro femininos, com capacidade para 1290 alunos.

Para a realização do Grupo Focal, alguns autores como Gondim (2003) recomendam um grupo de quatro a dez participantes, outros de seis a dez, dependendo do nível de envolvimento com o assunto de cada participante. Segundo Gondim (2003), se o assunto desperta interesse em um grupo em particular, as pessoas terão mais o que falar, o que pode diminuir as chances de todos participarem e com mais de dez pessoas, há mais chance a polarizar, haver conflito e maior dificuldade de controle do processo pelo moderador. Oliveira e Freitas (2010) defendem que o grupo deve ser pequeno o suficiente para todos terem oportunidade de partilhar suas percepções e grande o bastante para fornecer diversidade de percepções.

Na UFV, há a Comissão das Moradias Estudantis (CME), sendo esta composta por um representante de cada Unidade de Moradia Estudantil (UME) e seus respectivos suplentes, que são eleitos pelos próprios moradores, o que representa um total de 12 estudantes, moradores dos alojamentos.

Esses 12 representantes dos alojamentos foram os indivíduos convidados a participar da pesquisa. Porém, devido à desistência de alguns pelo cargo de representante, pela falta de compatibilidade de horários ou impossibilidade de comparecimento, seis participaram da entrevista do tipo grupo focal, número dentro do indicado por alguns autores para a realização deste tipo de entrevista. Esses estudantes foram os alunos de escolha para a pesquisa por serem pessoas que, além de serem estudantes beneficiados pelo Pnaes, são moradores dos alojamentos e são indivíduos de maior participação, engajamento e com maior envolvimento nas causas estudantis, o que implica em boa capacidade de contribuir para os objetivos da pesquisa.

c) Procedimentos e técnicas de coleta de dados

A coleta de dados realizada foi a aplicação da técnica de entrevista chamada de Grupo Focal como estratégia metodológica qualitativa. Antes de dar início à dinâmica do Grupo Focal uma breve ficha de dados demográficos foi preenchida pelos participantes para traçar o

perfil demográfico destes. O Grupo Focal se baseia em uma entrevista em profundidade, realizada em grupo. Neste tipo de entrevista o foco ou objeto de análise é a interação dentro do grupo estimulada por comentários ou questões norteadoras fornecidas por um moderador (OLIVEIRA; FREITAS, 2010), que nesse caso, foi uma das pesquisadoras. Essas perguntas foram construídas a partir de elementos que circundam o problema de pesquisa a fim de se obter a percepção dos beneficiados em relação à assistência à saúde existente na instituição, além de buscar dados sobre a visão dos estudantes sobre a própria saúde.

De acordo com Trad (2009), o grupo focal é particularmente apropriado quando se tem como objetivo explicar como as pessoas consideram uma experiência, pois durante a discussão, é possível apreender percepções, opiniões e sentimentos frente a um tema determinado num ambiente de interação, o que justificou seu uso nesse estudo.

O grupo focal foi realizado no dia 10 de novembro de 2018 e teve duração total de uma hora e 32 minutos. O local para a realização do grupo focal, por sugestão dos próprios alunos, foi a sala de Reuniões destinada aos representantes da Comissão das Moradias Estudantis, localizada no porão do Centro de Vivência dentro do campus da UFV. A escolha deste local foi favorável pelo fato de ser de fácil acesso e de conhecimento de todos os envolvidos na pesquisa.

d) Técnica de análise e interpretação dos dados

Após a obtenção dos dados, estes foram transcritos e acrescidos das anotações e reflexões do moderador (pesquisadora). Nas transcrições os estudantes foram identificados com nomes fictícios que serão também utilizados em citações para garantir o sigilo de suas identidades. Todo o material transcrito do áudio da entrevista foi então analisado separadamente por assunto e em conjunto e contextualizados com o referencial teórico. Foi realizada a análise de conteúdo para comparação da percepção dos beneficiários com a realidade da instituição, compreender o grau de satisfação e relevância da assistência à saúde na vida dos acadêmicos.

O tratamento dos dados primários obtidos através das respostas obtidas nas entrevistas foi então realizado utilizando a análise de conteúdo da autora Laurence Bardin (2011). Os critérios de análise definidos por esta autora foram seguidos passando pelas seguintes fases: pré-análise, exploração de material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação). Na fase de pré-análise o material foi organizado compondo o corpus da pesquisa. Inicialmente, foi realizado o contato inicial com os documentos (leitura flutuante), observando as seguintes regras: exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade.

Finalmente, na fase de interpretação dos dados, foi realizado o retorno ao referencial teórico, a fim de embasar as análises dando sentido à interpretação.

Resultados

Primeiramente, apresenta-se os dados demográficos que foram coletados momentos antes da entrevista do grupo focal e foram analisados a fim de se obter o perfil dos seis participantes.

Três participantes eram do sexo masculino e três do sexo feminino e suas idades variaram entre 22 e 38 anos. Dentre eles, quatro são naturais de cidades mineiras, os demais são oriundos da Bahia e o outro do Espírito Santo. São estudantes de seis cursos diferentes: Licenciatura em Física, Ciências Sociais, Direito, Zootecnia, Geografia e Medicina Veterinária. Todos os participantes declararam ser solteiros. O ano de ingresso desses alunos na UFV variou de 2010 a 2017. Em relação à saúde, apenas um dos seis participantes declarou possuir plano privado de saúde e quando questionados sobre quantas vezes necessitaram de atendimento em saúde neste ano, metade respondeu ter necessitado mais de quatro vezes, dois responderam de duas a três vezes e um respondeu que apenas uma vez.

Após o preenchimento dos dados demográficos descritos acima, os estudantes receberam orientações sobre a entrevista do tipo grupo focal que teve início logo em seguida, acompanhando o roteiro de perguntas de acordo com os temas de interesse, os quais convocaram os entrevistados a um posicionamento de si e de seus sentimentos.

A seguir os temas de discussão foram apresentados. Estes foram separados para realização da interpretação e análise das falas dos entrevistados bem como relacionados com a literatura encontrada. Buscou-se analisar, a partir da narrativa dos sujeitos, a percepção dos estudantes sobre os temas concernentes à pesquisa.

a) A influência da assistência estudantil na permanência do aluno na Universidade

Quando questionados quanto à influência da assistência estudantil na permanência no ensino universitário, pode-se perceber unanimidade no discurso dos estudantes. Todos os entrevistados demonstraram em suas falas que a assistência estudantil, para eles, que possuem vulnerabilidade socioeconômica, é fundamental para a permanência na universidade. Palavras como fundamental, indispensável, relevante apareceram várias vezes, retratando o sentimento de dependência desses estudantes em relação à assistência estudantil como pode-se observar nas seguintes falas que se assemelham com a opinião de diversos autores tais como Cavalcanti (2014) e Finatti *et al.* (2007).

JOEL: “[...] eu não teria condições de arcar com os custos da minha moradia, da minha alimentação aqui, pra mim faz toda a diferença [...]”.

ANA: “[...] eu dependo da assistência estudantil pra tudo, assim ... desde comer até... de vez em quando eu preciso de um remédio tem que correr lá no centro de bolsa porque não tem de onde tirar mesmo, minha família não tem condições de me ajudar aqui [...]”.

Foi possível observar também que os alunos relatam que a assistência estudantil, além de ser de grande relevância, se mostra como fator essencial em relação à permanência dos mesmos na universidade. Neste momento, foi possível sentir que os estudantes querem

demonstrar a certeza de que não estariam frequentando a universidade caso não existisse a assistência estudantil:

JOEL: “[...] eu até digo que se não fosse a assistência estudantil com certeza eu não estaria aqui né? Na universidade hoje, então isso é extremamente relevante pra mim.”

ANA: “[...] se eu não tivesse assistência estudantil eu não taria [sic] na UFV, já teria voltado pra casa e arrumado um emprego e também não taria [sic] em nenhuma outra universidade provavelmente.”

PEDRO: “[...] sem a assistência estudantil aqui na universidade eu já teria evadido do curso, então a assistência estudantil é fundamental para que eu esteja aqui hoje, inclusive até ela influencia até no meu rendimento acadêmico [...] Não vejo outra forma de estar estudando aqui na universidade sem participar da assistência estudantil senão já teria voltado pra casa, já estaria trabalhando num serviço extremamente braçal, então não estaria aqui se não fosse a assistência estudantil, ela é fundamental, ela é indispensável.”

LUIZ: “[...] acho também que sem assistência estudantil não conseguiria me manter, assim ... meus pais não tem condições de ficar mandando dinheiro [...]”

Esses dois temas que retratam a assistência estudantil como essencial e a relação desta com a permanência na vida acadêmica dos estudantes remetem ao fato de que a assistência estudantil está cumprindo as suas finalidades de acordo com o que está descrito no Decreto nº 7243 como objetivos das ações do Pnaes (BRASIL, 2010).

Por outro lado, não é possível perceber nos alunos a consciência de que a evasão no Ensino Superior não pode ser considerada exclusivamente pela carência da assistência estudantil, uma vez que, como relata Andrade e Teixeira (2017), esta ocorre devido a vários fatores que podem ser de ordem pedagógica e psicológica como falta de identificação com o curso, decepção com o mercado de trabalho, com o curso ou com a instituição, dificuldades de conciliar estudo e trabalho, baixo preparo escolar, alta exigência do curso, dificuldades financeiras, falta de didática, baixa qualificação ou engajamento de professores, falta de apoio familiar e dificuldades de relação com pares e professores.

Além disso, cabe aqui ressaltar que a Assistência Estudantil não deve ser a única responsável pelo desempenho dos estudantes, embora se constitua num fator relevante. Vários fatores condicionam e influenciam o aproveitamento acadêmico, tais como: condições adequadas de ensino e de infraestrutura, quantidade adequada de professores, disponibilidade de laboratórios, acesso à informação, bem como as particularidades referentes ao histórico escolar de acesso ao sistema de ensino básico de cada estudante.

Pode-se observar também que a assistência estudantil da UFV é vista pelos entrevistados como ampla e consistente e, essa condição acaba por se tornar fator de escolha no momento de se optar por uma universidade, tanto pelo custo de vida da cidade quanto pela assistência estudantil da UFV quando comparada com outras instituições de ensino. Este discurso está alinhado com o que as autoras Del Giúdice (2013) e Sacramento (2015) relatam em seus estudos. Nos discursos a seguir, é possível notar esse posicionamento dos estudantes:

LUIZ: “[...] antes de vir estudar aqui eu estudava numa faculdade particular em São Paulo com bolsa, também não conseguia manter porque tinha que trabalhar, estudar, cidade grande é outro ritmo e depois eu passei aqui e passei também na UNESP antes de passar aqui, mas lá a assistência estudantil não tem a relevância que tem aqui aí eu acabei optando em vir pra aqui. Passei na federal do Rio de Janeiro também mas lá o custo de vida é altíssimo... Pensei...não vou conseguir manter ...então eu acabei vindo pra aqui pelo custo de vida e a questão da assistência estudantil ser uma assistência estudantil mais ampla, mais consistente...”

JÚLIA: “[...] pra mim a assistência estudantil da UFV não é só um dos motivos pelo qual as pessoas permanecerem aqui é um dos motivos também pelo qual as pessoas virem para a UFV porque é igual o “Luiz” acabou de dizer ele passou em outras universidades federais mas universidades essas que não tinham a mesma assistência que a UFV tem. Isso é um fator fundamental...”

A assistência estudantil da UFV consegue uma boa abrangência das áreas definidas no Pnaes e isso é reconhecido pelos alunos participantes do grupo focal e se mostra de importância fundamental, tanto para manter, quanto para atrair alunos para a instituição. De acordo com o Fonaprace, a capacidade intelectual e de formação básica dos estudantes foram avaliadas e aprovadas no processo seletivo de acesso à Universidade. Sendo assim, a assistência estudantil deve assegurar aos estudantes os meios necessários ao pleno desempenho acadêmico, contribuindo na prevenção e erradicação da retenção e da evasão, quando decorrentes de dificuldades socioeconômicas. Segundo o Fonaprace, o apoio aos estudantes vulneráveis é essencial, pois, para muitos estudantes, com renda familiar insuficiente, representa uma garantia de permanência na Universidade e término do curso, o que pode ser comprovado no discurso dos alunos.

b) A autonomia das universidades para administrar os recursos destinados ao Pnaes

Os participantes foram questionados quanto à autonomia que as universidades têm em dar prioridade às áreas que consideram mais relevantes da assistência estudantil, de acordo com a realidade que cada instituição vive.

A fala de todos os sujeitos revelou concordância destes com a liberdade que as universidades apresentam para aplicação dos recursos orçamentários do programa que são repassados às IFES pelo MEC. Essa autonomia está descrita no 4º artigo do decreto no Pnaes observado abaixo:

Art. 4º. As ações de assistência estudantil serão executadas por instituições federais de Ensino Superior, abrangendo os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, considerando suas especificidades, as áreas estratégicas de ensino, pesquisa e extensão e aquelas que atendam às necessidades identificadas por seu corpo discente (BRASIL, 2010).

Analisando o discurso dos estudantes pode-se perceber que eles concordam com a autonomia universitária, o que pode ser confirmado em algumas falas:

JOANA: “[...] Eu acredito que ter essa diferença de universidade para universidade é importante porque a realidade de campus diferentes é diferente. Então, por exemplo, tem campus em que existem menos moradias mesmo, existem bolsas na cidade, tem campus que a quantidade de pessoas é menor então às vezes compensa

mais investir numa coisa enquanto na UFV, por exemplo, compensa mais investir em outra...”

PEDRO: “[...] Também concordo, as universidades têm que ter autonomia pra gerir o recurso do Pnaes...”

JOEL: “[...] Eu penso também que o principal fator da importância dessa autonomia dessa universidade em rede gerir os recursos do Pnaes pelo seguinte fator que cada universidade é um mundo diferente né? As realidades sociais são diferentes em cada universidade, então a própria universidade ela tem que pensar uma forma de investir no seu próprio meio aí se estiver um modelo pronto que alguém que algum superior ele impõe aí não vai ser bom, porque cada universidade é uma realidade diferente aqui na UFV por exemplo tem muito problema de gerir esses recursos, a universidade encontra muitos problemas...”

Já na literatura, autoras como Bleicher e Oliveira (2016) criticam a autonomia universitária para gerir o Pnaes alegando que como não há uma determinação clara para os investimentos financeiros em cada área proposta do Pnaes, o que resulta em haver garantia de equidade entre as áreas, ocorrendo priorização de algumas áreas em detrimento de outras.

Entre os estudantes participantes da pesquisa, foi possível perceber uma insatisfação e até mesmo certa indignação em relação à maneira que as decisões são tomadas na Universidade. Os alunos participantes declararam claramente que, na percepção deles, há falta de diálogo, falta de participação da comunidade universitária no que diz respeito à distribuição e uso do recurso do Pnaes:

JOANA: “[...] eu acredito que essa autonomia na universidade tem que ser com diálogo com quem usa efetivamente os serviços. Se vem uma quantidade x e a universidade tem autonomia para aplicar no que ela quer, quem que tem essa autonomia de fato, quem tá lá em cima, o pró-reitor por exemplo, ou existe um diálogo com os moradores? porque eu acho interessante ter autonomia nessa questão da diferença de universidade para universidade que existe, mas que os moradores tem que tá diretamente ligados nisso, participando disso.”

PEDRO: “[...] Através da transparência, através do diálogo, através da informação, isso é fundamental para que haja participação na decisão em relação ao que será gasto com esse dinheiro, infelizmente isso não tem acontecido, não tem havido tanto diálogo principalmente sobre a questão do dinheiro do Pnaes [...] A universidade não chama a comunidade acadêmica dela pra participar não há uma participação da gestão desse dinheiro, então o dinheiro do Pnaes ele é gasto pela administração eles falam que foram gasto de uma forma e a gente acredita se dá de forma imposta, não é gasto de forma democrática pra esse dinheiro ser gasto de forma democrática teria que ter essa participação, ele é gasto de forma autoritária.”

Essa reivindicação dos alunos vai de acordo com a literatura estudada, pois foi possível perceber que autores tais como Nascimento e Arcoverde (2012) e Oliveira e Vargas (2012) defendem uma maior participação dos estudantes na elaboração e acompanhamento das ações envolvendo o Pnaes. Além disso, a CGU, após auditoria em 58 universidades recomendou a participação dos discentes nas decisões dos institutos sobre as ações do Pnaes (CGU, 2016).

Com relação aos recursos que as Universidades recebem para gerir o Pnaes, o decreto orienta que as instituições devem se ater às necessidades específicas que cada uma possui e que a demanda será atendida dentro dos limites do orçamento, indicando nesse ponto a tendência ao seguinte: não havendo aumento na provisão de recursos e aumentando o número de estudantes vulneráveis socioeconomicamente levaria à uma diminuição da assistência, condicionando as instituições à uma maior focalização nos mais necessitados, distanciando a assistência estudantil da universalização do direito:

Art.8o As despesas do PNAES correrão à conta das dotações orçamentárias anualmente consignadas ao Ministério da Educação ou às instituições federais de Ensino Superior, devendo o Poder Executivo compatibilizar a quantidade de beneficiários com as dotações orçamentárias existentes, observados os limites estipulados na forma da legislação orçamentária e financeira vigente. (BRASIL, 2010)

Sendo assim, percebe-se que este artigo permite que os que mais necessitam sejam atendidos, mas não que todos que necessitam o sejam, o que acaba por excluir alguns que podem estar perdendo a oportunidade de participar do Ensino Superior. Havendo então diminuição desses recursos a situação pode se agravar ainda mais.

A seguir, os estudantes demonstram grande insatisfação com a diminuição dos recursos destinados ao Pnaes, alguns relatam cortes no orçamento e outros relatam que esse é insuficiente para atender a demanda existente, fato comprovado por autores como (CISLAGHI; SILVA, 2012; DEL GIÚDICE *et al.*, 2014; PAIXÃO *et al.*, 2016, SILVA; COSTA, 2018), que afirmam que embora historicamente crescentes até 2016, estes ainda são insuficientes para o atendimento de uma demanda sempre crescente.

PEDRO: “[...] a maioria desse dinheiro hoje é gasto com restaurante, então assim praticamente ele vai todo para o restaurante, para pagar a empresa terceirizada, então assim praticamente não sobra nada do PNAES para outras áreas. O que acontece é que a universidade complementa o recurso do PNAES com a OCC que é orçamento de custeio e capital que também é insuficiente pra atender todas as áreas, é insuficiente para atender as demandas das moradias, tanto estrutural, questão do esporte, questão cultural, questão de saúde principalmente [...] O dinheiro do PNAES que vem, já veio mais dinheiro, agora, depois do corte, isso com certeza tá prejudicando muito, o dinheiro já está vindo menos, o dinheiro que já vinha antes já era insuficiente pra atender todas as demandas [...] Em questão de inclusão à universidade questão de acesso à universidade tem se tornado pior porque antes era muito mais pessoas pobres dentro da universidade, hoje se tem uma concorrência muito grande para pleitear o PNAES, para pleitear a assistência estudantil, pra fazer parte, pra morar em alojamento se tornou uma coisa muito difícil, muito difícil mesmo.”

JOEL: “[...] esses recursos estão sendo cortados, aí eu penso que esses recursos estão se concentrando mais na área da moradia mesmo e da alimentação, porque eu não digo que essas áreas de esporte e lazer não são importantes, são importantes sim, mas em tempos de vacas magras você tem que apertar...”

LUIZ: “[...] que a maioria do dinheiro está sendo usado nos RUs nos três mesmo nos três campus, todo dinheiro do PNAES e a universidade complementa, mas a gente vê que a questão das manutenções das moradias, a estrutura das moradias está se perdendo [...] Também como teve cortes de recursos porque contava com época

das vacas gordas então expandiu-se as bolsas inclusive para moradias na cidade e as moradias estão ficando cada vez mais sucateadas, isso é visível.”

O Ministério da Educação e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) foram as áreas mais afetadas pelo corte de R\$ 21,2 bilhões em março de 2016 e perdeu R\$ 4,27 bilhões. Em janeiro de 2016, foram disponibilizadas 9,5 mil bolsas a menos em relação ao ano anterior, o que aponta uma tendência a retração no setor (BRASIL, 2016).

É possível observar que a narrativa dos sujeitos revela insatisfação também quanto à avaliação do programa, transparência e o controle com o uso dos recursos destinados ao Pnaes.

PEDRO: “[...] também ela tem que ter instrumentos de avaliação e inclusive de fiscalização de como está sendo feito com esse dinheiro [...] Como se faz isso? Através da transparência, através do diálogo, através da informação, tem que ter esse controle desse dinheiro.”

JÚLIA: “[...] Eu acredito que a autonomia é importante sim, porém é possível dar mais margem pra corrupção, porque na UFV a gente vê algumas as coisas um pouco mais organizadas, mas existem universidades por aí que a coisa é bem desorganizada então assim o fato de cada um ter sua liberdade da margem para isso acontecer pra isso a fiscalização fica mais complexa ou mais difícil ou talvez inexistente...”

LUIZ: “[...] mas ainda falta mais transparência em questão do recurso do PNAES a pessoa cobra, depois cobra o PNAES, OCC então assim mas não apresenta uma planilha depois escreve um relatório anual lá assim, investiu isso na assistência estudantil, isso não é claro...”

JOEL: “[...] não tem ninguém pra fiscalizar você não sabe se o negócio tá sendo feito direitinho [...] É um grande problema não só nas universidades mas como no poder público em geral é isso que quebra o Estado a má gestão dos recursos, as empresas não fazem as coisas direito você contrata, você terceiriza, a empresa não faz a coisa direito aí o que acontece, ela suga os recursos, não há fiscalização e o Estado quebra, é isso que acontece com o Brasil.”

PEDRO: “[...] aqui não tem transparência, aqui tem um órgão que centraliza o dinheiro, que é a pró-reitoria de orçamento então é um órgão que os estudantes não tem acesso, hoje a gente vai chegar na pró-reitoria de assuntos comunitários que é responsável por distribuir esse dinheiro do PNAES você vai perguntar sobre o que foi gasto no PNAES, o que foi gasto no PNAES mês passado ou ano passado, eles não tem essa informação [...] No final você tem um relatório, aquilo não quer dizer nada, você quase não entende aquele relatório, então pra começar falta transparência, não tem transparência no uso do dinheiro do PNAES, eles falam que tem mas isso não é transparência, quando você recebe de ano em ano, transparência é o que foi gasto nesse mês sobre o dinheiro do PNAES isso é transparência, vão chegar pra você e dizer, entrou tanto de dinheiro foi gasto tanto qual foi a forma que esse dinheiro foi gasto qual foi o meio, então assim eles se eles tivesse essa informação isso é transparência então pra mim fundamental...”

Como os alunos defendem a transparência com o recurso público, a fiscalização e a avaliação a fim de promover maior aproveitamento do recurso e controle social do mesmo, pode-se afirmar que esses corroboram com a percepção de autores como Sanches (2013) e De Souza Madeira *et al.* (2015) que na literatura, também pregam a transparência e o controle

social do Pnaes pelos próprios beneficiários. Percebe-se, então, grande consciência dos alunos em relação à participação que deveria existir dos alunos na elaboração de ações e na transparência com o dinheiro público.

c) Influência da saúde no desenvolvimento acadêmico

Quando questionados sobre a influência da saúde no desenvolvimento acadêmico, todos concordaram e enfatizaram que há grande influência, demonstrando concordância com autores como Joia (2010) e Bleicher e Oliveira (2016) como é possível observar nas falas selecionadas abaixo:

ANA: “[...] Influencia 100%. Porque saúde é tudo, saúde mental, saúde física...”

PEDRO: “[...] Também acho que é 100% importante a questão da saúde né? [...] Ela impacta 100% aqui na comunidade universitária, inclusive no nosso rendimento...”

JOEL: “[...] tanto sua saúde física quanto sua saúde mental tem que tá funcionando adequadamente pra você render nas suas atividades ... aí quando alguma coisa está errada, aí como é comum num sistema tudo vai tendo reação em cadeia, vai só piorando ainda mais...”

JOANA “[...] sim, é extremamente relevante, impacta diretamente, quando você não tá bem de saúde é muito difícil você fazer qualquer coisa bem [...] Em outro momento JOANA aprofunda ainda mais e relata que o impacto da falta de saúde durante o curso pode até mesmo influenciar na vida profissional futura. [...] se você não tá bem, seja psicologicamente, seja fisicamente, isso acaba tendo um impacto muito grande né? então ir pra uma aula, até mesmo pra uma aula simples bem e ir pra uma aula doente você já sente a diferença e isso vai atrapalhar seu rendimento, vai atrapalhar na forma que você aprende, vai atrapalhar na sua nota, depois dependendo da situação, atrapalha até na sua vida profissional depois, porque aqui é onde a gente se prepara pra vida profissional e, se a gente não tá aprendendo bem, que tipo de profissional a gente vai ser depois? então a questão da saúde é extremamente importante, impacta diretamente.”

Corroborando também com a literatura, os estudantes relataram com certa frequência a doença mental como prevalente e de grande influência na vida dos universitários que muitas vezes é causada pelo estresse devido à pressão de professores, colegas, excesso de atividades acadêmicas, ao frequente afastamento do convívio familiar e do círculo conhecido de relacionamentos, alteração de padrão do sono e ansiedade (SIQUEIRA *et al.* 2017; NEVES; DALGALARRONDO, 2007; BLEICHER; OLIVEIRA, 2016). Bleicher e Oliveira, (2016) defendem ainda a criação de uma política pública específica para transtornos mentais de estudantes universitários devido à grande vulnerabilidade destes a esse tipo de doença.

Os estudantes demonstram conhecer o serviço prestado pela UFV da divisão psicossocial e um deles relata ser um avanço a criação desse serviço, mas denunciam que esse não tem capacidade de atender toda a demanda existente:

PEDRO: “[...] chega os finais de semestres e durante o semestre aqui na universidade tem uma doença nas pessoas, rola um estresse mental isso em função também... aquilo que a JOANA falou da exigência além da exigência também você tem a perseguição moral, do assédio moral de professores, entre estudantes, isso

tudo contribui com que a pessoa também se estresse mentalmente e acaba tendo a doença mental e a universidade também tem um órgão que atende pessoas com estresse mental que é a divisão psicossocial que não dá conta de atender as vezes as pessoas chegam lá...”

JOEL: “[...] o psicólogo da divisão de saúde, ele falou comigo que aí ele me apresentou alguns dados lá do relatório que ele fez aí das principais causas de problemas mentais aqui na universidade justamente questões acadêmicas o povo tem uma cobrança muito grande...”

ANA: “[...] tem a questão da pressão também de competição, de outras brigas que ocorrem também são muito estimuladas dentro do meio acadêmico [...] É um ambiente muito tenso, os professores, ficam doentes e adoecem você [...] Aí você fica mal, aquele ambiente é tudo muito tóxico, aí acontece alguma coisa você não fica normal [...] A universidade, ela te absorve, você vive em função dela, você vive em função do seu rendimento acadêmico...”

LUIZ: “[...] realmente a universidade consome essa pressão de a Universidade Federal de Viçosa, pressão dos professores, da concorrência da competitividade do curso [...] A própria convivência também a gente tem problemas de convivência ainda porque a gente vive realidades diferentes, pessoas que vem de lugares muito diferentes e hoje tem adolescentes que saem de casa pela primeira vez e tem gente que não que já morou fora e teve gente que já saiu de casa mais cedo, os estudantes cada vez mais novos na universidade hoje...”

Luiz ainda complementa exemplificando um caso de doença mental de um colega próximo:

LUIZ: “[...] Lá onde eu morava tinha um colega que estava meio estressado porque cansa muito e é extremamente... muito pobre assim ele se cobra não querendo depender dos pais dele então esse negócio de prova, prova, prova duas, três provas por semana todo dia e vai aquela coisa e aí começou a ter crise de ansiedade então não estava comendo mais não se alimentava aí você vai almoçar daí ele começou a chorar ele colocou a comida e começou a chorar porque não conseguia comer aí falei assim você vai procurar um psicólogo um psiquiatra e vai passar lá aí passou tomou remédio até que melhorou então em relação a algumas coisas na questão da saúde psicossocial acho que houve um avanço e aí começou a ter essas demandas muitas demandas e talvez o número de profissionais não deve ter dado conta de tá atendendo todas essas demandas então acho que houve sim um avanço na questão de psicossocial na saúde mas acho que talvez por questão de recursos também não estávamos tendo o atendimento ampliado mas houve avanço...”

Além da saúde mental, a saúde bucal também foi muito lembrada e citada pelos universitários. Silva *et al.* (2018), que avaliaram a condição de saúde bucal de universitários com maior vulnerabilidade socioeconômica associaram pior condição de saúde bucal devido a situação de maior carência destes. A saúde bucal é citada por três dos seis entrevistados e “Pedro” acrescenta sobre a influência no rendimento acadêmico:

ANA: “[...] eu não tô conseguindo mastigar desse lado, e já tem muito tempo...”

JOANA: “[...] comigo também é na odontologia agora, eu precisei recentemente de um procedimento, não tinha, não são todos os procedimentos que a odontologia faz e aí eu consegui através de algum convênio que o serviço de bolsa tem...”

PEDRO: “...Recentemente eu tive problemas dentários, eu tinha dois dentes que precisavam de canal e eu estava passando dor direto, direto estava sentindo dor 24

horas [...] Porque estava afetando o meu rendimento acadêmico, que a dor é muito intensa...”

A questão da moradia e da alimentação, como foi observado na literatura, é enfatizada pelo Fonaprace (2004) como essenciais para garantir a permanência do estudante, além de influenciar em melhor desempenho e formação integral. Sobre esse tema, os participantes da pesquisa demonstraram grande insatisfação com problemas nas moradias e no restaurante universitário e declaram estes como fatores que interferem na qualidade de vida destes e conseqüentemente também na saúde, o que pode ser notado a seguir nas declarações:

PEDRO: “[...] a gente não vive com qualidade principalmente no caso das mulheres que moram em alojamento sucateado, a exemplo de quem morava no velho, a Joana sabe como que é a exemplo das meninas que moravam no feminino que lá tem um banheiro que elas lavam utensílios de cozinha dentro do banheiro isso é desumano então isso impacta na saúde das pessoas...”

JÚLIA: “[...] a gente vê, existe sim um a insalubridade uns ambientes complexos mencionado pelo Luiz sobre a questão de você higienizar sua louça no mesmo lugar que higieniza seu rosto assim umas coisas um pouco complexas isso impacta sabe é negativo, atrapalha, e também estar na vida acadêmica é uma situação que já nos deixa vulnerável sabe? [...] Viver nesse ambiente te traz oportunidades ruins, acaba culminando mais a oportunidade de não ter saúde [...] A questão da alimentação ao meu ver depois que terceirizou o cardápio melhorou mas o ambiente do RU deu uma piorada drástica todo mundo sabe disso eu por exemplo às vezes chego lá meu apetite vai embora de tão estressada das coisas que acontecem e eu até comento, você vem pra se alimentar aí seu cortisona sobe porque você fica irritada aí você não se alimenta adequadamente sua absorção alimentar não vai ser a mesma porque o ambiente está insalubre, você não tem um ambiente adequado pra sentar, é fila, é talher mal higienizado, bandeja mal higienizada...”

De acordo com o Fonaprace, o Pnaes de Graduação das IFES rege-se por alguns princípios, sendo um deles a garantia da democratização e da qualidade dos serviços prestados à comunidade estudantil. Uma das diretrizes orienta as IFES a definirem um sistema de avaliação dos programas e projetos de assistência estudantil por meio da adoção de indicadores quantitativos e qualitativos. Os estudantes concordam e almejam por um serviço de qualidade pois estes podem impactar diretamente na saúde e conseqüentemente no desempenho acadêmico destes.

De acordo com orientações do Fonaprace, 2011, a avaliação dos programas e projetos institucionais destinados aos estudantes deverá ser realizada pela Instituição, com a participação dos discentes e demais Pró-Reitorias, subsidiando os trabalhos do Fonaprace na avaliação permanente do Plano Nacional de Assistência Estudantil.

d) Assistência em saúde

De acordo com a literatura pesquisada que traçou o perfil dos estudantes de graduação de universidades federais do Brasil, (FONAPRACE, 2016) a rede pública de saúde é utilizada pela ampla maioria dos estudantes das classes C, D e E. Além disso, o levantamento realizado revelou ainda um aumento na demanda pelos serviços públicos de

saúde entre esses alunos com maior vulnerabilidade socioeconômica. Já entre os estudantes das classes A e B, estes majoritariamente utilizam sistemas particulares de saúde, como planos de saúde ou rede particular.

Ainda de acordo com dados do Fonaprace (2016), 60,09% dos alunos afirmaram que raramente (somente em casos de extrema necessidade) procuram por serviço médico, o que foi possível notar tal situação com os participantes da pesquisa.

Na entrevista com os estudantes, foi possível destacar que estes também utilizam o sistema público de saúde, e preferencialmente a Divisão de Saúde da UFV. Alguns ainda destacaram que quando não conseguem algum tipo de tratamento de que necessitam devido à falta de cobertura de todos os procedimentos pela Divisão de Saúde, estes acabam por deixar de fazer o tratamento ou vão adiando o máximo possível. Situação que vai contra o princípio de integralidade do SUS, que visa a prevenção a fim de evitar o agravamento de doenças (BRASIL,1988).

ANA: “[...] Ou eu vou na divisão de saúde ou eu não vou. Simples...é tipo: tem como tratar na divisão de saúde? Trata, se não tem jeito ou se eu não tenho tempo eu fico sem tratar, tipo...vai deixando [...] E eu estou esperando até o dia que eu não aguentar mais e falar que realmente não tem jeito, e qualquer coisa que aparecer no meu corpo, sei lá, e falar que não tem na divisão de saúde, vai ficar por isso mesmo...”

JOANA: “[...] Eu procuro sempre a divisão de saúde primeiro, pela questão da proximidade, pela questão de estar relacionada diretamente com a universidade [...] Eu também, se não tem na divisão de saúde, acaba que eu também vou deixando pra depois [...] Divisão de saúde não está tendo e aí eu teria que ter tanto tempo de ir no centro procurar, quanto dinheiro pra pagar os procedimentos e a dor não é insuportável, não tem nada assim por enquanto e a gente vai deixando, deixando. Acaba acontecendo muito, e eu imagino que acontece também com outras pessoas em outras questões. Então a divisão de saúde é o primeiro local sempre e em geral eu só procuro outros meios quando realmente é impossível continuar ir deixando pra lá...”

PEDRO: “[...] Então é também penso o mesmo, pra mim é sempre a divisão de saúde, sempre bom procurar a divisão de saúde primeiro.

LUIZ: “[...] sempre usei muito serviço da divisão de saúde...”

JÚLIA: “[...] Eu todas as vezes que precisei eu fui para a divisão de saúde tanto pela praticidade, eu não vejo dificuldade de acordar cedo e ir lá marca e conseguir a consulta para o dia seguinte, tanto pela questão de que ela está aqui pra nós, ela é um espaço de exclusividade para quem é membro da universidade e também pela questão que os hospitais é pra comunidade viçosense. E assim todas as vezes que eu precisei fazer exames, os exames que a própria divisão não cobria a divisão de assistente estudantil cobria por ser moradora de alojamento e além dessa questão também eu vejo que assim, mesmo que algumas pessoas reclamam que tem que acordar de madrugada, tem que acordar mais cedo a gente sempre consegue...”

De acordo com Elói (2018), que realizou uma pesquisa com os alunos beneficiários do Pnaes na UFV, 63,46% dos beneficiários recorrem à divisão de saúde quando necessitam de atendimento médico ou psicológico, 26,92% utilizam os hospitais públicos no município de

Viçosa. Outra forma de resolver o problema foi indicado em 4,17%, tais como aguardar até que o problema de saúde se resolva com o passar do tempo e ir para a cidade de origem resolver o problema perto da família.

Os estudantes dizem que preferem recorrer à Divisão de Saúde devido também às condições ruins de atendimento dos hospitais públicos da cidade, o que reforça a importância da assistência à saúde destes estudantes na universidade. Alguns demonstram ciência sobre a população flutuante universitária da cidade influenciar na prestação de serviços públicos da cidade, incluindo assistência à saúde:

ANA: “[...] Porque até mesmo a questão do atendimento nos hospitais aqui em Viçosa eu acho muito delicado [...] Não dá pra confiar na cidade e isso reforça ainda mais a questão de, a UFV tem que investir ainda mais a questão de saúde, porque a saúde que é precária pra quem já mora na cidade...”

PEDRO: “[...] Porque também o atendimento da cidade lá é muito ruim, não dá conta de atender [...] Você vai pro hospital lá correndo o risco de ficar esperando, igual aconteceu com o colega aqui. Você fica lá esperando maior parte, fica lá esperando 1, 2, 3h esperando...”

LUIZ: “[...] são de Viçosa os recursos que vêm, vêm pensando na população de Viçosa, a gente é população flutuante, a gente não está nessa contagem da população de Viçosa, infelizmente é isso e os repasses do Governo Federal e Estadual deve ir para população que aí é uma grande briga com Censo e IBGE com a prefeitura. A prefeitura já tem recontagem dessa população flutuante de 15 a 20 mil habitantes de Viçosa das universidades, flutuantes que ficam aqui durante um tempo e eu não sei se esse censo agora 2020 que vai vim do IBGE como é que eles vão inserir isso né, pode ser que essa população entre como população Viçosense né, aí esse recurso vim a Viçosa [...] Essa população flutuante que supercarrega o serviço do SUS aqui em Viçosa...”

JOEL: “[...] eu fui procurar o hospital e a moça lá fez a minha ficha eu aguardei umas 3 horas na fila pra chegar no médico e o médico falar que eu tinha que ir para divisão de saúde. Porque eu não poderia estar ali porque não era emergência, porque que a moça não falou comigo no atendimento, eu tinha ido embora...”

Os estudantes percebem a saúde como bem essencial e grande influenciadora no rendimento estudantil. Há uma grande dependência dos estudantes vulneráveis à Divisão de Saúde, dentro da UFV. Esta se mostra de grande importância na vida destes universitários, pois os serviços ofertados pelo município não conseguem suprir a demanda dos moradores da cidade e da população flutuante que é formada principalmente pelos estudantes universitários. Os estudantes com vulnerabilidade socioeconômica da UFV que participaram desta pesquisa relataram recorrer à DSA quando necessitam e realizam somente tratamentos que estão disponíveis. Se precisam de um tratamento que por algum motivo não é ofertado pela mesma, estes declaram que simplesmente não o fazem por falta de condições financeiras, o que aumenta o risco de o problema ter maior gravidade e influenciar no rendimento acadêmico destes.

e) Prevenção x Tratamento em saúde

Os participantes foram questionados quanto a importância de se investir mais em prevenção ou em tratamento de saúde e sobre qual a opinião destes sobre esse assunto. Foi possível perceber unanimidade sobre a grande importância que é a prevenção. Os estudantes demonstraram conhecimento e consciência de que sempre é melhor prevenir doenças do que tratá-las, tanto pelo custo financeiro quanto pelo custo de bem-estar e da saúde em si.

ANA: “[...] Prevenção, foi o que várias pessoas falaram, prevenir porque o problema vai ficar bem menor...”

JOEL: “[...] a prevenção é bem melhor...”

JOANA: “[...] O custo da prevenção é bem menor, quando eu falo custo não é só financeiro eu falo custo de tudo, o custo de tudo, muito melhor você praticar um exercício físico e tá [sic] bem com você mesma e não precisar depois passar por um procedimento que envolve tanto o custo financeiro mesmo quanto prejudicar o seu corpo de alguma maneira, porque quando você tá curando, você tá interferindo em alguma coisa que tá acontecendo e muitas vezes a cura não vem sozinha tem um efeito colateral nisso. Então é muito melhor você se prevenir e ter uma vida boa antes do que não precisar tomar remédio, precisar se furar, sofrer menos. É um custo bem menor a prevenção.”

LUIZ: “[...] Mas a prevenção é importante sim, tem estudo que se comprova, você gasta muito menos com a prevenção do que com a própria doença [...] É fundamental a prevenção, com certeza.”

Esse tipo de opinião já é senso comum na literatura, especialmente na área da saúde. Consta na Constituição, no princípio da integralidade do SUS (BRASIL, 1988) e em artigos da literatura (OLIVEIRA *et al.* 2010; BLEICHER E OLIVERIA 2016; JOIA 2010; FONAPRACE, 2011). A atenção primária baseada na prevenção e a criação da Estratégia da Saúde da Família são prioridades no SUS com o objetivo de prevenir doenças e o agravamento destas, o que diminui a demanda por tratamentos complexos e onerosos, além de melhorar a saúde da população.

Neste momento, a fala dos sujeitos também denuncia que, para eles, faltam ações, atividades e incentivo à prevenção de doenças pela rede pública de saúde e que até profissionais da área muitas vezes não estão treinados para lidar com a prevenção. Além disso, citam a questão da cultura da própria população que não está ainda voltada para a prevenção. A “tradição curativista”, na visão dos estudantes ainda é bem forte no país, posição denunciada por Bleicher e Oliveira (2016).

PEDRO: “[...] Eu acho que o investimento é fundamental nos dois, não só na prevenção quando no curativo também, mas acho que tem que trabalhar mais a prevenção. Eu vejo que isso falta, não só aqui, mas no Brasil todo também. Se trabalha muito pouco a prevenção, a gente tem a cultura de procura um médico, hospital, a palavra hospital e posto médico já remete aquela ideia de quando você está ali já doente você vai lá e procura [...] Então eu acho que a gente tem a cultura também, infelizmente eu muitas vezes só procuro quando a coisa está muito crítica, eu acho que falta debater mais isso com a população as questões das medidas preventivas. Você economiza em tudo.”

LUIZ: “[...] É a prevenção é uma coisa importante ainda que não é cultura nossa dos brasileiros falando de um modo geral, se pegar uma pesquisa, com certeza a gente não tem essa cultura e eu falo tanto da pessoa, do paciente em si quanto das políticas públicas de incentivar essa prevenção [...] mas a prevenção é importante sim, tem estudo que se comprova, você gasta muito menos com a prevenção do que com a própria doença.”

JÚLIA: “[...] Pior que é uma questão cultural mesmo, a gente não tem habito de prevenir, tanto pela questão de se alimentar melhor, estar em um ambiente que você se sinta confortável e agradável, estar com pessoas que te faz bem, toda essa questão. Acaba que a gente vai deixando isso ne, se preocupa só com que é hoje, a prova amanhã, as coisa mais pontuais. Tanto que nessa questão que você está doente e você precisa se tratar, já tem dados na literatura que comprova que isso é prejuízo. Prejuízo social, prejuízo econômico porque quando você pega um atestado você deixa de trabalhar, de produzir, deixa de ir a um evento e de socializar. Então assim é ruim, além de você não prevenir ser ruim, pode levar a doença pode também ser ruim por causa dessas questões, é fundamental a prevenção, com certeza.”

ANA: “[...] É uma coisa que acho tão cultural, mas tão cultura que foram raras as situações em que eu fui ao médico querendo antecipar a alguma doença por algum novo risco que eu estava correndo e ele achou válido [...] Eu acho que as estratégias de prevenção elas deviam estar antes das estratégias de tratamento.”

O Sistema Único de Saúde (SUS) foi criado pela Constituição Federal de 1988 fundamentado nos seus princípios e diretrizes de universalidade, integralidade e equidade, com uma proposta de humanização do cuidar, com o objetivo de redirecionar uma cultura curativista, centrada na doença, para um tipo de cuidar baseado na prevenção e na educação em saúde. Desse modo, as desigualdades sociais bem como a erradicação da pobreza precisam ser consideradas como fatores determinantes no processo saúde/doença e a educação popular em saúde precisa ser trabalhada como estratégia política, na perspectiva de integração da participação ativa da comunidade através do diálogo e da construção compartilhada de conhecimentos, de forma a proporcionar uma integração da cultura popular com a científica. Bleicher e Oliveira (2016) acreditam que para se alcançar esse objetivo há necessidade de preparo dos profissionais da saúde nesse sentido para melhor planejamento de ações e estratégias preventivas e ou interceptativas objetivando sempre a motivação para a adoção de hábitos e de um estilo de vida saudável entre universitários.

f) Percepção sobre a integração entre a rede pública de saúde (hospital, postos de saúde) e a assistência à saúde da UFV

De acordo com o SUS, os municípios são os principais responsáveis pela saúde pública da sua população. Quando o município não possui todos os serviços de saúde, há uma busca por apoio junto as demais cidades de sua região em prol do atendimento integral à saúde. Todos os estudantes podem acessar os serviços de saúde mantidos por esses municípios, tendo em vista que o SUS garante o acesso integral, universal e igualitário à população brasileira. Nesse caso, a porta de entrada do SUS deve ser, preferencialmente a atenção básica (postos de saúde, centros de saúde, unidades de saúde da família, unidades de pronto atendimento, entre outras). A partir desse primeiro atendimento, os usuários do SUS são encaminhados, conforme necessidade, para outros serviços de saúde de maior complexidade (hospitais e clínicas especializadas) (BRASIL, 1988).

Foi questionado aos alunos se eles têm conhecimento de algum tipo de integração entre a DSA e a rede de saúde municipal. Alguns relataram saber de um tipo de diálogo entre esses órgãos com relação à encaminhamentos e deslocamentos, principalmente da DSA para hospitais da cidade em casos de emergência, mas essa relação não está muito clara para os alunos como pode-se perceber principalmente na fala de “PEDRO”.

ANA: “[...] eu fui encaminhada pela UFV e atendida como estudante da UFV no CISMIV. Ficou com a psiquiatra de lá que é professora de medicina também. Eu não sei exatamente como se dava isso, eu sei que foi uma coisa marcada pelo telefone, pra estudante a UFV os papeis, os documentos tudo vem com o carimbo e o envelope da Universidade de Viçosa e não necessitava o cartão do SUS então eu acredito que tenha realmente a ver...”

JOANA: “[...] Entre a Divisão de saúde e a saúde na cidade, o diálogo que eu vejo pelo menos que eu já usei é em relação a encaminhamento mesmo, quando aqui não tem a especialidade, eu já fui encaminhada para oftalmologista por exemplo [...] Eu não entendo como uma parceria, é mais um diálogo pelo fato de que aqui não tem a especialidade, ai eu vou na Divisão já sabendo que eu não vou ser atendida na divisão mas eu preciso do encaminhamento.”

JOEL: “...O que eu vejo com relação a essa parceria aí com a divisão de saúde com o SUS é só justamente em questão de emergência, aluno que passa mal aqui e eles levam lá para os hospitais...”

PEDRO: “[...]Então eu acho que ainda, essa questão dessa parceria, eu vejo mais como algo mais natural essa parceria da divisão da universidade entre essas instituições da saúde pública, mas não está bem claro pra mim assim como se dá essa parceria e como ela é feita. O que eu sei são de experiências de relatos de pessoas por exemplo a Lorena já até em questão do encaminhamento...”

Segundo Bleicher e Oliveira (2016), como já existe uma rede pública de saúde, esta deveria se comunicar com os serviços de saúde estudantil das instituições federais. Desta maneira, as instituições atuariam no sentido de criar ambientes saudáveis e prevenir doenças associadas especificamente à realidade do aluno do ensino federal; enquanto que a rede local de saúde seria acionada quando da necessidade de tratamento. É possível perceber que o pensamento das autoras está de acordo com o que o SUS recomenda. Na Instituição UFV isso também acontece, os tratamentos mais complexos e que não são oferecidos pela DSA são encaminhados para a rede pública municipal.

A DSA atua como ambulatório, atua na atenção básica prestando assistência com ações curativas e preventivas para servidores e estudantes de forma eletiva, promovendo ações de prevenção de doenças e promoção da saúde da comunidade da UFV. A DSA coordena programas e projetos destinados a estudantes, entre eles a Imunização Universitária e o Programa Integral da Saúde da Moradia Estudantil (PISME). Há também ações voltadas a servidores, estudantes e seus dependentes, como as seguintes campanhas: vacinação em geral; vacinação pré-exposição (prevenção da raiva humana); de prevenção a DST/Aids, com realização de teste rápido; de prevenção ao HPV; de combate ao fumo; Agosto Dourado, de incentivo ao aleitamento materno; Setembro Amarelo, de combate ao suicídio; Outubro Rosa, de prevenção do câncer de colo do útero e do câncer de mama; Novembro Azul, de prevenção do câncer de próstata; além das campanhas de doação de sangue. O projeto denominado

Imunização Universitária conta com a participação da Pró-Reitoria de Ensino e o apoio das coordenações de cursos. Na recepção aos calouros de 2017, foram conferidos 1.666 cartões de vacinas. Em julho de 2017, a Sala de Vacinas da Divisão de Saúde retomou suas atividades em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, sendo realizadas 953 vacinações.

Considerações finais

Sabemos que o Brasil é um país de grandes desigualdades para com o seu povo. Um dos caminhos para se tentar melhorar essa questão é o acesso à educação superior de qualidade e gratuita. Mesmo com todo o esforço dos governos anteriores ainda há muito o que avançar nesse aspecto, pois o número de estudantes que adentram as universidades públicas é muito pequeno quando comparado com o número de alunos matriculados em escolas públicas de segundo grau. A educação superior ainda não é uma realidade de todas as pessoas, pelo contrário, continua sendo um privilégio de poucos, pois muitos ainda se encontram excluídos.

O desafio dos programas governamentais para a educação é grande. Além da necessidade de aumentar o número de vagas e da criação de novas universidades, existe a questão da qualidade do ensino com meta de formar pessoas capazes de assumir uma postura crítica e criativa frente à realidade.

Os estudantes com vulnerabilidade socioeconômica possuem nas universidades a oportunidade de ascenderem social e economicamente. Programas de assistência estudantil têm se revelado instrumentos necessários para o acesso, a permanência e o aproveitamento acadêmico destes estudantes no Ensino Superior. Através da assistência é possível viabilizar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes e contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico, a partir de medidas que buscam combater situações de repetência e evasão, promovendo a democratização da educação e a redução das desigualdades sociais e culturais no Brasil. Para os alunos com vulnerabilidade socioeconômica, a assistência estudantil é considerada fator decisivo entre estar ou não frequentando a universidade, o que a torna essencial.

No presente trabalho foi possível alcançar os objetivos propostos de perceber, pelo olhar dos beneficiários, situações da assistência estudantil em geral e com maior aprofundamento na saúde. Inicialmente foi realizada uma abordagem teórica específica relacionada ao Ensino Superior e à assistência estudantil. Após a apresentação da metodologia utilizada na pesquisa, foi descrita a pesquisa realizada, com discussão dos dados coletados.

Como apresentado nesta pesquisa, a Assistência Estudantil é instrumento de viabilização do direito social da educação em um contexto de grande desigualdade social. Enquanto esta situação persistir tal instrumento se mostra necessário, fato demonstrado nos

relatos dos estudantes participantes da pesquisa, que declararam a assistência estudantil como fator imprescindível e essencial para estarem frequentando o Ensino Superior. A UFV se destaca nacionalmente pela assistência oferecida aos seus estudantes por contemplar quase todas as áreas das necessidades estudantis, fator decisivo de escolha pela UFV. Mesmo assim, os alunos se queixam de:

- carência de manutenção das moradias estudantil,
- necessidade de melhoras nos RUs,
- não atendimento a toda a demanda existente,
- falta de diálogo dos gestores com os beneficiados,
- falta de transparência e controle dos recursos destinados ao PNAES,
- melhor integração entre rede pública de saúde (municipal) e a instituição.

Com relação à saúde, há maior necessidade de assistência à saúde mental, que ao ver dos estudantes e de acordo com a literatura parece ser a área mais crucial. A Divisão de Saúde e a Divisão Psicossocial da UFV são importantes dentro da universidade devido ao seu papel crucial na saúde da comunidade universitária e merecem investimento contínuo devido à procura por este serviço ser significativa e como os usuários denunciaram nesta pesquisa, muitas vezes não conseguem suprir toda a demanda existente.

Como funcionária que atua diretamente com a saúde dos alunos da UFV, as pesquisadoras acreditam que a Universidade deve assumir a responsabilidade sobre a saúde de seus membros de maneira a garantir um ambiente saudável e influenciar positivamente nos estilos de vida. A assistência estudantil possui potencialidade para a introdução da promoção da saúde nas universidades devendo haver maior sensibilização, vontade, interesse e empenho dos gestores em fazer uso dessa política para promover ações de saúde com foco na prevenção devido à sua grande relevância no meio acadêmico.

Esta pesquisa trouxe contribuições sobre a Política de Assistência Estudantil para as instituições de ensino e, especialmente para a UFV, pois permitiu à instituição obter qual a percepção desses estudantes em vulnerabilidade, favorecendo a possibilidade de elaborar políticas internas para atendê-los de forma mais efetiva, de aprimorar as suas ações futuras no campo em questão e reconhecer a importância da reformulação e implementação de políticas públicas educacionais e de assistência que deem suporte à correção das profundas distorções socioeconômicas relacionadas à origem dos alunos que lograram acesso ao Ensino Superior.

Levando-se em conta que o Pnaes é uma política pública focalizada, destinada a assegurar a manutenção e a conclusão do curso nas IFES pelos graduandos que se encontram em situação de fragilidade socioeconômica, deve-se atentar para a importância de ampliar serviços eficazes e resolutivos, já que o estudante passa boa parte do seu tempo nas IFES, como também fortalecer os cenários de aprendizagem e trabalho intersetorial.

Propõe-se, para estudos futuros, a percepção dos gestores da UFV sobre a Política de Assistência Estudantil para assim haver comparação dos resultados com o presente estudo e mais estudos relacionados à assistência à saúde devido ao seu papel crucial para qualquer atividade.

Finalmente, é preciso democratizar a universidade pública e construir uma sociedade mais democrática. E somente através do acesso à educação será possível minimizar as mazelas sociais e democratizar de fato a riqueza e a cultura socialmente produzidas.

Referências

- ANDRADE, Ana Maria Jung de; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Áreas da política de assistência estudantil: relação com desempenho acadêmico, permanência e desenvolvimento psicossocial de universitários. **Revista Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 22, n. 2, p. 512-528, jul. 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Senado Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988.
- BRASIL. Senado Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Lei 10.172/2001: Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.
- BRASIL. Senado Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, 1990.
- BRASIL. Decreto nº 7.234/2010: Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES)., 2010.
- BLEICHER, Taís; OLIVEIRA, Raquel Campos Nepomuceno de. Políticas de assistência estudantil em saúde nos institutos e universidades federais. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 20, Número 3, Setembro/Dezembro de 2016.
- CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6(2), jul - dez, 2013.
- CAVALCANTI, Rosangela Wojdela. A política de assistência estudantil no Brasil como instrumento de democratização das universidades públicas federais. **Anais... XIV SIM Geo Simpósio de Geografia da UDESC**, set , 2014.
- CISLAGHI, Juliana Fuiza; SILVA, Mateus Thomaz. O Plano Nacional de Assistência Estudantil e o Reuni: ampliação de vagas versus garantia de permanência. **Ser Social**. Brasília, v. 14, nº. 31, p. 489-512, jul./dez., 2012.
- CGU, Ministério da Transparência e Controladoria-Geral da União (CGU). Secretaria Federal de Controle Interno Diretoria de Auditoria de Políticas Sociais I. Relatório de Consolidação dos Resultados das Gestões do Plano Nacional de Assistência Estudantil. Disponível em: <https://auditoria.cgu.gov.br/download/10212.pdf>, 2016.

DEL GIÚDICE, Júnia Zacour Azevedo; LORETO, Maria das Dores Saraiva; AZEVEDO, Denilson Santos. Vulnerabilidade social como critério utilizado na política de assistência estudantil: uma análise conceitual e empírica. **Serv. Soc. Rev.**, Londrina, v. 17, n.1, p. 27-45, jul./dez., 2014.

DEL GIÚDICE, Júnia Zacour Azevedo. **Programa de assistência estudantil da Universidade Federal de Viçosa/MG: repercussões nos indicadores acadêmicos e na vida pessoal, familiar e social dos beneficiários.** Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa: Viçosa, 2013.

DE SOUZA MADEIRA, Íris Lidiane Silva; CARVALHO, Daniela da Rocha; DE OLIVEIRA, Ridalvo Medeiros Alves; SOBRINHO, Luiz Vieira de Oliveira. Custo estimado de refeições: estudo de caso no restaurante universitário da UFRN. **Anais... XIV Congresso Internacional de Custos.** Medellín, Colombia, Septiembre 9, 10, 11 de 2015.

DUARTE, Clarice Seixas. A educação como um direito fundamental de natureza social. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 691-713, out. 2007.

ELÓI, Sueli de Souza Santos. **Sistema de monitoramento e avaliação do programa nacional de assistência estudantil – PNAES: um modelo a partir da teoria do programa.** Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – PROFIAP, Universidade Federal de Viçosa: Viçosa, 2018.

FINATTI, Betty Elmer; ALVES, Jolinda de Moraes; SILVEIRA, Ricardo de Jesus. Perfil sócio, econômico e cultural dos estudantes da UEL: indicadores para implantação de uma política de assistência estudantil. **Anais... III jornada internacional de políticas públicas.** São Luís – MA, 28 a 30 de agosto 2007.

Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior: Relatório Final da Pesquisa. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. Brasília: FONAPRACE, 89p. 1ª ed., 2004.

Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis [FONAPRACE] Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras. Brasília, 2011.

Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis [FONAPRACE] FONAPRACE/ANDIFES (2016). IV Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos da IFES (p. 291). Brasília, 2016.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos. **Paidéia**, 12 (24), 149-161. 2003.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP, 2014.

JOIA, Luciane Cristina. Perfil do estilo de vida individual entre estudantes universitários. **Revista Movimenta**; Vol. 33, N 11, 2010.

MATOS, Nathanni Marrelli. Programa bolsa permanência: percepção do alunos beneficiários da Universidade Federal do Tocantins, Araguaína. **Revista Científica do ITPAC**. Araguaína. V.8, n. 2, Pub .9, Agosto 2015.

NASCIMENTO, Clara Martins.; ARCOVERDE, Ana Cristina Brito. O serviço social na assistência estudantil: reflexões acerca da dimensão político-pedagógica da profissão. *In: FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS – Fonaprace. Revista Comemorativa 25 anos: histórias, memórias e múltiplos olhares*. Uberlândia: UFU-PROEX, p. 167-79. , 2012

NEVES, Marly Coelho Carvalho; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **J. Bras. Psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, p. 237-244, 2007.

OLIVEIRA, Beatriz Rosana Gonçalves; VIERA; Cláudia Silveira; COLLET, Neusa; LIMA, Regina Aparecida Garcia. Causas de hospitalização no SUS de crianças de zero a quatro anos no Brasil. **Rev. Bras. Epidemiol.** 13(2): 268-77, 2010.

OLIVEIRA, Mírian; FREITAS, Henrique. *Focus Group*: Instrumentalizando o seu planejamento. *In: SILVA, Anielson Barbosa.; MELO, Rodrigo Bandeira.; GODOI, Christiane Kleinubing. Pesquisa Qualitativa Em Estudos Organizacionais - Paradigmas, Estratégias e Métodos*. São Paulo: Saraiva, - 2 Ed. 2010 –p 325-346.

OLIVEIRA, Simone Barros; VARGAS, Melissa Welter. A assistência estudantil como espaço privilegiado de educação para os direitos. *In: FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS – Fonaprace. Revista Comemorativa 25 anos: histórias, memórias e múltiplos olhares*. Uberlândia: UFU-PROEX, 2012.

PAIXÃO, Marcus Vinicius Sandoval; TOREZANI, Sival Roque; GONÇALVES, Silvia Maria Melo; BOZETTI, Marcello. A percepção de discentes do IFES – Campus Santa Teresa sobre a assistência estudantil. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 8, n. 16, p. 100–112, jul./dez., 2016.

SACRAMENTO, Débora Lyz de Almeida. **A gestão de assistência estudantil: A convivência nos alojamentos da UFV**. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAED. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. P. 131. , 2015.

SANCHES, Rodrigo Ruiz. Avaliação de programas de assistência estudantil. **Revista história, movimento e reflexão**. V. 1, n. 1. , 2013.

SILVA, Ana Carolina Santiago da; MEDEIROS, Amanda Menezes; CASTELO BRANCO, Dimitra; OLIVEIRA, Erick Ely Gomes de; CHERMONT, Armando Brito; NASCIMENTO, Liliane Silva do. Condição de saúde bucal de estudantes assistidos pelo programa nacional de assistência estudantil na UFPA. **Revista Brasileira Ciências da Saúde - USCS**. Vol. 16, n. 55, 2018.

SILVA, J.E.O. *et al.* A gestão dos programas de assistência estudantil nas universidades públicas brasileiras: o modelo da Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista Gestão Pública: Práticas e Desafios**, Recife, v. III, n. 6, dez. 2012.

SILVA, Leonardo Barbosa e; COSTA, Natália Cristina Dreossi. Acesso e permanência em desproporção: as insuficiências do Programa Nacional de Assistência Estudantil. **Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR**, Vol.6 – n.2, 166-192, 2018.

SIQUEIRA, L. D. *et al.* Perfil de estudantes acolhidos em um serviço de saúde na Universidade. **Rev. Bras. Promo. Saúde**, Fortaleza, 30(3): 1-8, jul./set., 2017.

TRAD, Leny Alves Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009.